

## Ciberativismo:

um estudo de caso dos grupos “Cut Brasil” e “Vem pra rua Brasil” no ciberespaço

Rômulo Rocha e Silva<sup>1</sup>

Gerando novos conhecimentos e problematizações a história do tempo presente à pesquisa realizada é uma análise que busca agregar conhecimentos e inquietações sobre alguns elementos do século XXI, sendo eles a cibercultura<sup>2</sup> e dentro dela o ciberativismo. O estudo tem como objetos de análise as páginas sociais na internet dos grupos CUT Brasil e Vem Pra Rua e mobilizações feitas nelas diante do cenário político brasileiro em 2015. A pesquisa partiu da hipótese que a concepção de política daqueles que participaram dos protestos é conduzida ou influenciada pelos discursos das publicações das páginas analisadas. A interatividade que o meio cibernético permite, deu suporte fatidicamente para as maiores mobilizações já vista na história da república brasileira, mas isso é apenas supostamente uma coisa boa, vejamos o que diz Pierre Levy sobre a interconexão:

A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos *a priori* em direção a quais resultados tendem as organizações colocam em sinergia seus intelectuais. (LEVY,1999, p.87).

Assim pensou Pierre Levy em seu livro Cibercultura, ao se ocupar em estudar as interações entre a sociedade e as novas tecnologias da informação e comunicação. E com essa *interatividade supostamente boa* a contemporaneidade utiliza-se da rede como forma debater, propor ideias, abastecer a rede com recriações e formam-se também suposta inteligência coletiva. Os resultados de tudo isso, como também afirma Levy em outras passagens, não sabemos, mas assim como ele se propôs a pensar a história social a partir das novas relações que se formam com a interconexão refletiremos aqui também sobre ela, mas frisando em

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI; Contato eletrônico: [romulorocha16@hotmail.com](mailto:romulorocha16@hotmail.com)

<sup>2</sup> Cibercultura como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço entendido como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. (PIERRE LEVY,1999).

apenas um ponto, os movimentos e mobilizações sociais após a chegada da rede no cotidiano dos indivíduos.

Mobilizações e manifestações sempre estiveram presentes na história do Brasil, no século XX manifestações muito pesquisadas como revolta da vacina, passeata dos 100 mil, diretas já, movimentos dos caras pintadas, para citar apenas alguns exemplos foram dentro do Brasil republicano alvos de estudos minuciosos, com atenção as causas, as consequências, o contexto, as implicações, os frutos para a posteridade e outros aspectos. O século XXI devido a massificação dos meios de comunicação surgem novas perspectivas de análise para esses movimentos sociais que se formaram. Tendo como ferramenta principal as redes de comunicação horizontais<sup>3</sup>, o Brasil teve sua maior manifestação de rua da república brasileira no ano de 2015 com cerca de dois milhões e duzentos mil brasileiros nas ruas que saltaram as telas dos tablets, smartphones e computadores para uma manifestação democrática. As redes foram ferramentas de mobilização tanto para os que deram os primeiros passos rumos a um “ativismo temporário” como para aqueles sindicalistas que a décadas faziam manifestações e utilizavam outras ferramentas para mobilização.

É fato que as redes de comunicação que fazem parte do cotidiano dos indivíduos do século XXI deram uma nova roupagem para os acontecimentos sociais, políticos e de outros setores da vida em sociedade. Com essa nova ferramenta sendo usada para o ativismo ou o ciberativismo, julgamos a forma como está sendo utilizada ou os seus propósitos soa precipitado, se quisermos ter uma conclusão consistente, porém busco análises que não sejam de caráter definitivo nesses movimentos contemporâneos e mais especificamente nos grupos mas que deem suporte para outros novas reflexões, portanto a análise aqui apresentada baseia-se na observação do espaço cibernético usado diariamente por ativistas em 2015, mas não tentará fornecer provas definitivas acerca dos argumentos expostos no texto.

Com dois capítulos para fazer essa análise o primeiro deles denominado *Da rua a internet e da internet a rua: mobilizações sociais e movimentos sociais no Brasil em 2015* faz um apanhado das manifestações ocorridas no século XXI pelo mundo que tem as redes também como ferramentas de mobilização e que são espelho para Brasil nas manifestações de 2013 e 2015 outro ponto analisado neste capítulo e denominado *cut brasil e vem pra rua: veteranos e os calouros no ato de manifestar* buscam traçar um panorama político que dão

---

<sup>3</sup> A comunicação horizontal permite ao indivíduo o controle da sua forma de se comunicação. A internet é o principal meio de comunicação horizontal pois permite de os usuários expressem suas opiniões de forma direta sem serem submetidos a avaliações que possam censurar o conteúdo exceto em casos que vão de confronto aos direitos humanos.

lugar as manifestações bem como o momento em que os grupos analisados surgem em defesa das múltiplas ideias que acreditam. No segundo intitulado *Ágora cibernética: os perfis como ferramenta dos indignados* aborda-se a forma como cada grupo articulou-se no ano de 2015 para ter êxito nos seus objetivos para isso articulo as ideias de autores como Elias Canetti, César Rendueles, Manuel Castells e Pierre Levy que dão suporte para análise a partir de seus estudos.

*Os indignados vão as ruas: aspectos mobilizadores da cut brasil e do vem pra rua brasil* é a denominação do primeiro ponto do segundo capítulo que faz um mapeamento dos acontecimentos em rede e nas ruas nos dias que antecedem e sucedem as maiores manifestações de 2015.

Nos dois capítulos utilizou-se a observação das interações na rede como fonte, a observação do meio de comunicação antes das manifestações, em pleno momento delas e após. A pesquisa perpassa por meios como a análise do discurso das páginas dos grupos analisados e terá suporte na vasta bibliografia sobre a temática.

A análise do discurso será utilizada para que permita-nos perceber como se dá a interação entre os emissores e receptores das publicações, considerando o campo hermenêutico da interpretação do discurso produzido pelos outros sem desconsiderar a subjetividade do pesquisador. Usou-se o método de análise do discurso seguindo alguns passos como forma progressiva da análise onde: faz-se a revisão das publicações das páginas em sites e redes sociais dos grupos ciberativistas Vem Pra Rua Brasil e CUT Brasil, a partir da revisão foi feita a seleção das fontes que foram utilizadas e estão presentes no texto, após a leitura das fontes, identificaremos as ideias principais que permeiam os textos observando como o emissor se projeta, quais referências usa, como exerce um contra poder sobre os sistemas políticos, como se dirige ao receptor, e como o receptor reage as publicações, que dimensões ressalta e que argumentos usa, em seguida será feito a descrição dos elementos identificados, voltaremos ao problema inicial de investigação, verifica-se se os resultados obtidos confirmam ou não as hipóteses iniciais e que deram suporte à investigação, por fim, a conclusão.

Contudo, talvez seja cedo demais para construir uma interpretação definitiva desses grupos e dos movimentos, assim meu propósito é mais limitado: sugerir hipóteses a partir da análise das fontes e estimular o debate sobre a temática proposta.

No Brasil, não pretendi mostra que os grupos CUT Brasil e Vem Pra Rua estavam certos ou errados, que um deles tinha a razão e outro não, pois ao tratar de “movimentos

sociais”, “revoltas populares”, “levantes”, “revoluções” e afins, não estamos falando nada novo que confunda a cabeça de quem conheça um pouco da história de manifestações do Brasil republicano. Então, o que foi plantado pelas manifestações de 2015? Quais os frutos para a posteridade? Como citado anteriormente o movimento dos caras pintadas serviu como trampolim para vários militantes tornarem-se políticos, teriam esses movimentos esses mesmo frutos? Seria uma repetição da história? Ainda é cedo para termos respostas plausíveis sobre essas questões, mas é válido a reflexão sobre a repetição e no campo das particularidades vemos que toda a grande novidade se resume ao fato de essas manifestações recentes e atuais terem sido organizadas por redes sociais digitais, antes inexistentes. O restante da baderna permanece idêntico: agitação pública promovida por sindicatos e movimentos que se dizem revolucionários, mascarando seu desejo de um mínimo controle. Talvez não seja o caso de se perguntar o que há de tão original em movimentos de massa, mas sim saber como pessoas tão pouco interessadas em política de repente se uniram a discursos de controle, em muitos momentos com um caráter radical, na sociedade com o auxílio de memes e linguagem típica da internet.

Na tentativa de elucidar essas questões uso as palavras de Mario Ferreira dos Santos em seu livro *Invasão Vertical dos Bárbaros* (1967) onde lê-se:

Uma das mais acentuadas características do barbarismo vertical consiste em apresentar a força como superior ao direito. (...) as multidões desenfreadas nas ruas, que são o caminho para as grandes brutalidades e injustiças, manifestação do primitivismo, mais um exemplo da horda, movidas por paixões, sobretudo o medo, aguçadas pelos exploradores eternos de suas fraquezas, pelos demagogos mais sórdidos, passaram a ser exemplo de superioridade humana. Tais espetáculos apresentam-se aos olhos de muitos como o mais alto estágio da grandeza humana. São elogiados como manifestações de ‘consciência social’, da vontade popular, etc. (...) Esses movimentos só têm servido para apoiar tiranos e desenvolver a brutalidade organizada. (SANTOS,1967).

O povo não fala. Seus imperativos não são suficientes para que sejam decifradas suas vontades e a cada indivíduo que fala nasce uma perspectiva diferente. Como disse Ferreira dos Santos, os bárbaros apresentam a força como superior ao direito e esse caminho é perigoso dentro de uma democracia de direitos. Na luta pela consolidação de uma democracia brasileira que é tão frágil e recente, os movimentos em massa contemporâneos tentam substituir a participação igualitária do povo por uma oclocracia e aqueles que deviam defender os direitos dos indivíduos, através da forma de lei não o fazem e justificam seus atos

afirmando que “ouvem a multidão”, o erro nessa justificativa consiste na inegável irracionalidade de um glomerado e assim aqueles que afirmam ouvi-los não houve ninguém além de si próprio.

## Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Poder da Comunicação**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Trad. Sérgio Tellaroni. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RENDUELES, César. **Sociofobia**: mudança política na era da utopia digital. 1ª ed. São Paulo: edições SESC, 2016.

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos movimentos sociais. 2ª ed. São Paulo: editora 34, 2009.

MORGENSTERN, Flavio. **Por trás da máscara** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. **Internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **A invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: Editora Matese, 1967.

GASSET, José Ortega y. **A Rebelião das Massas**. São Paulo: Jahr, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**; tradução, Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

NAÍM, Moisés. **O fim do poder**; tradução Luis Reyes Gil. – São Paulo: LeYa, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PRETTO, Nelson de Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Além das Redes de Colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

LEMOS, Ronaldo. **Direito, tecnologia e cultura**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BRUNO, F. Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre/ RS, v. 36, n. 2, 2008, p. 10-16.

\_\_\_\_\_. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. **Revista Fronteiras**: Estudos Midiáticos, São Leopoldo/ RS, vol. 8, n. 2, 2006, p. 152-159.

Pronunciamento da ex-presidente Dilma: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-a-nacao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-por-ocasio-do-dia-internacional-da-mulher> Acesso: 12/11/2017.

Carta de repudio do Movimento vem pra rua:  
<https://www.facebook.com/vemprarua.net/posts/409322085915812>. Acesso: 21/06/2017.

*Recebido em: 10 de dezembro 2017.*

*Aprovado em: 20 de maio de 2018.*